

O Programa Fome Zero sob foco

James Augusto Pires Tiburcio*

*Doutor, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UnB),
Brasília, Distrito Federal, Brasil.
jtiburcio@unb.br, jamestiburcio@yahoo.com

doi:10.18472/SustDeb.v6n2.2015.14696

RESENHA

Aaron Ansell. *Zero Hunger: Political Culture and Antipoverty Policy in Northeast Brazil*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2014. 239 p. Anexos, referências bibliográficas, índice remissivo, ilustrações. ISBN 978-1-46961397-0.

O antropólogo sociocultural Aaron Michael Ansell, professor do Departamento de Religião e Cultura do *Virginia Polytechnic Institute* (EUA), brinda brasilianistas, estudantes e simpatizantes do Brasil e do nordeste brasileiro com um estudo etnográfico primoroso e cordial sobre a cultura política e as políticas contra a pobreza do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva na presidência do Brasil (2003-2006). Trata especificamente dos “encontros francos e vulneráveis entre políticos e agricultores de subsistência”. Ansell sobe nos ombros de conceituados brasilianistas ingleses e norte-americanos contemporâneos e de gerações anteriores, como Leslie Bethell, Thomas Skidmore e Nancy Scheper-Hughes, para apresentar uma análise antropológica dos impactos da política de segurança alimentar do governo de Lula, conforme aplicada em vilarejos do interior do estado do Piauí. Além do livro, a pesquisa rendeu uma série de artigos.

O livro é fruto de pesquisa de campo para da tese de doutorado de Ansell, defendida em 2007 (*Zero Hunger in the Backlands: Neoliberal Welfare and the Assault on Clientelism in Brazil*. Universidade de Chicago, 2007). A pesquisa foi realizada no agreste do estado do Piauí, em torno da cidade de Acauã, principalmente entre 2003 e 2005.

O texto está organizado em introdução, sete capítulos e conclusão. O primeiro capítulo narra as eleições presidenciais de 2002, a relevância do Programa Fome Zero durante a campanha e a sua implantação. A narrativa se insere em três arca-bouços: a intranquila história de democracia do Brasil; a história e estrutura social do município de Acauã; e as próprias reflexões pessoais do autor, com base inclusive na sua participação e no seu papel do autor. Esta apresentação classifica o Programa Fome Zero e a sua mutação posterior, o programa Bolsa Família, como experimentos de “neoliberalismo de esquerda”. Discute os dois programas como expressões da longa busca do Partido dos Trabalhadores (PT) pelo poder e como políticas públicas nacionais de segurança alimentar.

Já os capítulos 2 e 3 são classificados pelo autor como um “clássico” estudo antropológico de comunidades. O capítulo 2 apresenta e analisa como a sociabilidade entre famílias nos povoados à volta de Acauã é mantida por meio do que o autor rotula de “distância respeitosa”, que permite

que os moradores enfrentem o poder espiritual destruidor que emana de vizinhos invejosos, especialmente daqueles em situação de fome crônica. Por outro lado, as relações sociais de troca recíproca com as elites municipais, discutidas no capítulo 3, ocorrem por meio de “uma abertura mútua da concretização imperfeita da pessoalidade dignificada”.

O capítulo 4 segue os passos dos agentes dos governos federal e estadual responsáveis pela execução do programa junto aos beneficiários. Ansell estuda as suas atitudes no que toca à sua própria participação nos movimentos sociais urbanos, ao governo Lula que os empregava, e à sua relação com os beneficiários do programa nas áreas rurais. O autor focaliza como os funcionários do governo condenam a cultura política rural, posição essa permeada pela nostalgia por uma raiz campestre comum que resultaria em uma relação marcada pelo sentimentalismo com as famílias beneficiadas.

Os três capítulos seguintes tratam das técnicas que os funcionários governamentais empregavam para redirecionar os alinhamentos sentimentais e práticos dos beneficiários do “Fome Zero” em relação aos vínculos de patronagem. O capítulo 5 analisa uma técnica definida pelo autor como “nostalgia induzida”, que seria a ligação de ideias românticas sobre o trabalho coletivo com visões de um passado rural idealizado. Na sequência, o capítulo 6 trata de um outro braço inicial do programa, voltado para o desenvolvimento de comunidades classificadas como quilombolas e para o uso de “peregrinações programáticas” como técnica de reorientação identitária. Por fim, o capítulo 7 traz um estudo etnográfico das tensões políticas no município em torno do Programa Fome Zero (como política de fortalecimento da renda), do cartão-alimentação e da transição para o Bolsa Família. O foco recai sobre a tentativa dos governos estadual e federal de contornar a elite política municipal e sobre as consequências deste comportamento marginalizador.

Ansell escolheu estudar uma das duas cidades-piloto do Programa Fome Zero, o município de Acauã, Piauí, que no livro recebe o nome fictício de “Passarinho”. Fixou residência lá para observar em primeira mão e participar da vida dos primeiros beneficiários do programa. Condensando a tese de 518 páginas a um livro de 239, o autor destaca as principais questões e conclusões do trabalho de tese. O texto do livro busca desafiar o que o autor chama de “rede conceitual bipolar”, que opõe a patronagem hierárquica à democracia igualitária. Uma das oposições recorrentes no texto envolve a falsa memória campestre, tipificada pelo “mutirão”, como o tipo de organização laboral que desfaria os traumas que amaldiçoam os agricultores.

A crença oficial dos funcionários responsáveis pelo programa é de que o tipo correto de trabalho faria com que os pobres escapassem das amarras da pobreza e da obediência muda, para alcançar a liberdade de uma democracia indignada e saudável. Esse tipo de raciocínio ideologizado, acusa Ansell, está enraizado no discurso da comunidade internacional de desenvolvimento, que valoriza os modos de cooperação tradicionais ou indígenas. Projetos que valorizem esses tipos de organização do trabalho fortaleceriam, segundo os membros dessa comunidade, as populações-alvo e auxiliariam na preservação de suas culturas. Os argumentos são (i) que as pessoas trabalhariam por amor e não por interesse pessoal e (ii) que esse trabalho “amoroso” neutralizaria a responsabilidade do estado de lhes doar recursos continuamente. Ansell argumenta o contrário: usa a sua narrativa descritiva sobre a vida em Acauã e vilarejos circundantes para mostrar que as dimensões igualitárias da comunidade estão baseadas em rivalidades de baixa intensidade entre famílias da vila e no medo do poder maligno que segue a fome. Prova disso é que as tentativas do governo de induzir a nostalgia pelo trabalho coletivo foram prontamente interrompidas e substituídas por iniciativas de reforço do poder aquisitivo da população mais vulnerável, famílias pobres e mulheres.

São muitos os méritos do trabalho de Ansell. Destaco o modo como ele encara os sujeitos da pesquisa. No cuidado com que ele trata os seus informantes e os alvos de sua pesquisa constata-

mos claramente que existe algo que talvez seja bem definido como “carinho”. O autor transborda de respeito e admiração por aqueles que retrata. É difícil não simpatizar com os personagens e as suas tribulações. Tanto agricultores pobres ou remediados, políticos locais e funcionários de governo são tratados com extremo cuidado e tato; as suas vidas são retratadas habilmente ao longo dos sete capítulos. O autor exhibe também uma espécie de deslumbramento pelo próprio país, pela sua história tortuosa e pela sua relação temperamental com a democracia.

Muito além dessa empatia, Ansell faz contribuições concretas para o campo de conhecimento e para os temas tratados. Em especial, destaca-se o estudo do entrelaçamento entre democracia e patronagem política no nível municipal no Brasil. Ansell constrói um argumento robusto contra a suposição bastante comum de que haveria uma relação antitética entre a democracia e a patronagem. Pelo contrário, argumenta o autor, há convivência afirmativa e potencialmente benéfica quando a energia emocional de hierarquias íntimas é direcionada para catalisar a participação de todos cidadãos no desenvolvimento econômico e político.

Outro mérito a frisar é o detalhado trabalho inicial de pesquisa etnográfica feito no início dos anos 2000 e, anos depois, o acompanhamento continuado do tema e dos personagens. Ansell demonstra conhecimento e intimidade com o tema, qualidades que permitem que ele escrutine sem maiores tropeços uma questão marcadamente regional. É capaz, também, de abordar de maneira respeitosa temas pitorescos, como a crença no mau-olhado que permeia as relações entre agricultores, sem soar ofensivo ou sarcástico em momento algum.

No entanto, o perigo de simpatizarmos com um autor que escreve de forma otimista sobre o nosso país é sermos condescendentes com o erro e exagerarmos o bem do acerto. No caso em questão, o mesmo princípio pode ser aplicado ao autor e ao seu tema. Talvez o maior demérito da obra seja a visão transigente e benevolente sobre o fenômeno da patronagem. Embora as conclusões sejam válidas e instigantes, a política municipal no Brasil e especificamente no interior nordestino está longe de ser harmoniosa e participativa, como dá a entender o texto. Os leitores que não tiverem outra fonte de informação ou conhecimento prévio do tema podem concluir, erroneamente, que as relações horizontais e verticais entre camponeses empobrecidos e políticos no agreste nordestino são, em geral, mutuamente benéficas e deferentes.

Há alguns pequenos deslizes a apontar (por exemplo, o professor da UnB, Marcel Bursztyn, é erroneamente nomeado *Marcelo Bursztyn*), mas eles não tiram a graciosidade e o brilho deste breve tratado etnográfico sobre uma das mais exóticas subculturas políticas brasileiras. *Zero Hunger* deve se tornar leitura indispensável para todos aqueles que almejam conhecer as idiosincrasias da implantação de uma das mais bem sucedidas políticas públicas de combate a fome no Brasil e no mundo. Tanto especialistas quanto leigos podem aprender muito e mesmo apreciar este livro de Ansell. Não é exagero esperar que uma editora brasileira venha a se interessar pela sua tradução e publicação em português, permitindo assim que um número maior de leitores tenha acesso a essa importante obra.